

TERRAS CAÍDAS: A DINÂMICA DO RECUO DAS CASAS NA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NA REGIÃO PARANÁ DO AMATARI - ITACOATIARA/AM

Tiago Silva de Almeida*
tiago.almeida@ymail.com

Maria Lucimar Silva**
m-lucimar@uol.com.br

RESUMO

Este estudo visa analisar a dinâmica do fenômeno das terras caídas e seus impactos na moradia dos ribeirinhos da comunidade Nossa Senhora de Fátima, situada na região Paraná do Amatari, município de Itacoatiara/AM. Terras caídas é uma nomenclatura utilizada pelos ribeirinhos amazônicos para mencionar o processo erosivo que ocorre às margens do rio e causam inúmeros transtornos a população local, como diminuição da propriedade, perda de plantações, mudança das casas, etc. Como metodologia utilizou-se a prática real a fim de entender o problema e torna-lo mais explícito. A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo e para coleta de dados foram utilizados vários instrumentos, tais como: entrevistas, diário de campo, observação participante, além de levantamentos bibliográficos em livros e artigos científicos especializados. A pesquisa mostrou que a técnica do recuo das moradias é eficaz e evita que os ribeirinhos tenham suas casas levadas pelas terras caídas. Conclui-se com isso que a população ribeirinha mesmo com toda dificuldade consegue se adaptar ao meio em que vive sem agredir o ambiente.

Palavras-chave: Terras caídas, erosão, recuo.

*Autor. Acadêmico do curso de Geografia da UNIASSELVI, Graduado em Serviço Social - FSDB. Especialista em Gestão de Pessoas - Estácio de Sá.

**Orientadora. Prof^ª. do curso de geografia da UNIASSELVI. Graduada em Geografia - UFAM. Especialista em Desenvolvimento Sustentável - FSDB. Mestre em Geografia - UFAM.

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar a dinâmica das terras caídas e seus impactos na moradia dos ribeirinhos da comunidade Nossa Senhora de Fátima, situada na região Paraná do Amajari, município de Itacoatiara/AM. Assim, buscou-se identificar a origem, a sazonalidade e as dificuldades atreladas à remoção das residências nos tempos de desmoronamentos, bem como descrever o processo de transporte das moradias para o interior do terreno.

A dinâmica fluvial que ocorre constantemente às margens do rio Solimões é responsável por grandes mudanças geomorfológicas na bacia Amazônica. Um dos aspectos característico bastante conhecido desse dinamismo é a erosão das margens do rio, popularmente conhecida pelos ribeirinhos amazônicos como "barrancas caídas" ou "terras caídas".

Esse fenômeno natural tanto modifica as paisagens quanto trazem consequências danosas à população local, como por exemplo, a perda de suas residências. Seguramente esse fator peculiar, levou os moradores dessas localidades a desenvolverem técnicas para diminuir seus prejuízos ou adaptar estratégias já aplicadas culturalmente.

Os ribeirinhos que constroem suas moradias próximas às margens do rio estão continuamente ameaçados pela ablação¹ das terras, tendo que mudar constantemente suas residências para locais mais seguros. Conhecedores desta problemática os moradores dessas localidades, com o intuito de não perderem seus imóveis, inventaram uma maneira para mudar suas casas de local sem ter que desmancha-las por inteiro. Técnica esta pouco conhecida pela população dos grandes centros urbanos que não convivem com este fenômeno natural.

Justifica-se estudar essa temática, devido ser um assunto pouco analisado pelos pesquisadores, fato este comprovado pela escassez de produções científica sobre o problema. Acreditamos que este trabalho será de grande relevância por elucidar o fenômeno das terras caídas e suas peculiaridades as pessoas não conhecedoras do mesmo. Além disso, torna-se importante por mostrar que a

¹ Erosão das margens dos rios devido a ação abrasiva da água.

população ribeirinha mesmo com toda dificuldade consegue se adaptar ao meio em que vive sem agredir o ambiente.

Como estratégia metodológica, adotou-se neste trabalho a prática real, do qual visa investigar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, desvelando sua realidade de forma completa e profunda. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, visando assim, obter uma maior aproximação e entendimento sobre a problemática em lócus.

Para alcançar os objetivos propostos, foram utilizados vários instrumentos para coletas de dados, tais como: entrevistas, diário de campo, observação participante, além de levantamentos bibliográficos em livros e artigos científicos especializados.

O trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo trata das características da área estudada situando sua localização. O segundo capítulo elucida através dos conceitos de alguns autores o que é o fenômeno das terras caídas e também mostra os impactos socioambientais que os mesmos causam a população ribeirinha. O terceiro capítulo estuda com maior ênfase a dinâmica do recuo das moradias, mostrando de onde surgiu a técnica e como é realizada atualmente.

1 CARACTERÍSTICAS DA ÁREA DE ESTUDO

A área selecionada para o desenvolvimento da pesquisa está localizada no Paraná do Amajari, mais precisamente na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, margem esquerda do rio Solimões no médio Amazonas. Está inserida na região que se comunica com o baixo Rio Urubu e Rio Preto da Eva, próximo a vila de Novo Remanso, distante cerca de 100 km do município de Itacoatiara. Possui uma área de aproximadamente 2,125 km², limitado pelas coordenadas 03°17'05,57"S e 58°52'19,28" (Figura 01).



Figura 01 - Localizao da área de estudo. FONTE: Google Earth, 2014.

A rea de estudo caracteriza-se por uma tendência geomorfológica que apresenta uma planície de várzea com áreas periodicamente inundáveis. O padrão de ocupao atual constitui-se de pequenas propriedades com as casas do tipo madeira construídas nas proximidades das margens do rio.

Sua principal fonte econmica está voltada para a agricultura familiar, com destaque para a produo de banana, mandioca, farinha, verduras e alguns legumes. Grande parte desses produtos  vendida na feira do produtor de Itacoatiara.

No entanto, alguns moradores se arriscam na pecuária, porém não  um setor tão rentável por dois fatores. O primeiro devido aos prejuízos decorrentes das terras cidas, com perda de propriedade e até do gado, e o segundo  o agravante da cheia do rio, onde o produtor tem que alugar pasto além de arcar com as despesas do transporte dos animais para locais seguros longe das inundaoes.

2 O FENÔMENO DAS TERRAS CAÍDAS E O IMPACTO SOCIOAMBIENTAL PARA OS MORADORES DO AMATARI

Apesar das intensas mudanças geomorfológicas ocorridas as margens dos rios e dos grandes transtornos que causam aos ribeirinhos, o fenômeno das terras caídas ainda não teve importância significativa no cenário da pesquisa. Isso é comprovado pela pouca publicação de pesquisas sobre a temática. Apenas alguns trabalhos relatam sobre o assunto e quando o fazem é de modo superficial por não ser o objetivo maior da pesquisa.

Segundo Fraxe (2000), o fenômeno das “terras caídas” é conhecido pelos ribeirinhos da região amazônica como sendo o processo de erosão das margens do rio que se dá devido a grande força da correnteza. A terra derrubada nesse processo faz com que novas terras se formem na parte frontal de suas propriedades por conta da sedimentação. A referida autora segue afirmando que:

"Ele ocorre à medida que a força d'água vai derrubando parte das terras molhadas, onde geralmente se encontra arquitetonicamente (re) ordenada a sede das comunidades rurais dispostas à margem do rio, acompanhando seu curso. Desta forma, os camponeses são compulsoriamente obrigados a reordenar os espaços construídos, de sorte a adentrar a floresta de várzea. Esse fenômeno, portanto, está intrinsecamente ligado com o nível anual das águas, e altera significativamente o modo de vida da população anfíbia."
(p.48)

Como mencionado, a paisagem desses locais é dinâmica, enquanto de um lado da margem do rio é observado à formação de novas terras que se originam devido a deposição de sedimentos, que são levados pelas águas na época da cheia, do outro é visualizado o processo erosivo, denominado de terras caídas ou barrancas caídas pela população local, que conforme aponta Carvalho (2006):

"Terras caídas é um termo regional amazônico usado principalmente para designar erosão fluvial acelerada que envolve desde os processos mais simples a altamente complexos, englobando indiferenciadamente escorregamento, deslizamento, desmoronamento e desabamento que acontece às vezes em escala quase que imperceptível, pontual, recorrente e não raro, catastrófico, afetando em muitos casos distâncias quilométricas. É um fenômeno predominantemente complexo, inter-relacionado causado por fatores hidrodinâmico, hidrostático, litológico, climático, neotectônico e ainda que em pequena escala antropogênico. " (p.55)

Apesar da participação do homem como agravante antropogênico ser mínima, sua ação tem sido evidenciada como agravantes do processo. O desmatamento das margens do rio Solimões (Figura 02) e a proximidade dos barcos a margens atrelados com sua velocidade geram fortes banzeiros, comprometendo o desbarrancamento da mesma.



Figura 02 - Processo de erosão na margem desmatada do rio Solimões. Autor: Tiago Almeida, 2014

Lima (2007) entende o fenômeno das terras caídas como sendo a ablação das margens dos rios que arrebatam boa quantidade de terras e engole de maneira cruel, cemitérios, plantações e pastagens, ameaçando as moradias e tragando-as,

quando os moradores não as recuam a tempo. Salienta ainda que esse acontecimento tem importância significativa no uso e ocupação dos solos de várzea.

O fenômeno das terras caídas é sazonal e ocorre com maior frequência no período da vazante e seca do rio que acontece entre os meses de abril a outubro. Quando se inicia o processo de baixa do rio, o solo que se encontrava encharcado de água fica extremamente pesado e cai. "À medida que a água vai baixando, a areia vai secando e perde o ângulo de repouso, que é de 33 graus, o que provoca o desbarrancamento." (LIMA, 2007, p.49)

O Sr. Francisco Pessoa, 73 anos, um dos moradores mais antigos da comunidade Nossa senhora de Fátima, conta que já está acostumado com o fenômeno que ocorre anualmente e relata como é assustador quando ocorre.

"Quando a terra despenca, ela não espera por ninguém, não tá nem aí se é noite, dia, ou madrugada, a porrada é seca. Quando cai é um estrondo medonho. Tem queda que de largura, são quilômetros margem a dentro parece que vai levar tudo. Não dá tempo de salvar nada, mal sua vida, porque a força da água leva a terra muito rápido." (Pesquisa de Campo, 2014)

Segundo relatos dos moradores do Paraná do Amajari, quando ocorre o desabamento das margens do rio as perdas são inevitáveis, as mais citadas foram perda da parte frontal do terreno, morte de animais, como gado, porco, pato, etc., que caem junto com o barranco e são levados pela correnteza e perda de cerca.

Sobre essa questão Carvalho (2006), identifica as principais perdas e consequências aos moradores ribeirinhos em função das terras caídas, das quais se destacam perda de propriedade em virtude da diminuição do terreno gerado pelo recuo da margem, assim como a remoção da residência para o interior do terreno, para evitar danos maiores; dificuldade no embarque e desembarque de produtos e pessoas, pois nas extensões onde ocorrem as terras caídas, as margens se encontram em formato de falésia sujeitando as pessoas a ameaças constantes;

estragos e perda de bens materiais, como, canoas rabetas² que ficam ancoradas no porto; risco ao tráfego de barcos devido grandes blocos de terras flutuantes e árvores que se desprendem no processo de erosão (Figura 03) e risco de morte, principalmente para as mulheres que passam maior tempo na “beira” lavando roupa, louça ou outros afazeres.



Figura 03 - Árvore tombada devido à erosão da margem do rio. Autor: Alberto Carvalho, 1996.

3 A DINÂMICA DO RECUO DAS MORADIAS

Os moradores da comunidade Nossa Senhora de Fátima estão constantemente ameaçados pelo fenômeno das terras caídas tendo que mudar suas casas frequentemente de lugar para não serem levadas pela queda do barranco. Assim, por estarem constantemente ameaçados por este fenômeno os ribeirinhos tiveram que se adaptar as terras caídas, inserir novas culturas e

² Embarcação de pequeno porte comum na região Amazônica, que serve de transporte para os ribeirinhos.

aprender a trabalhar com elas para poderem continuar vivendo nesse habitat as margens do rio Solimões. Porém, conforme aponta Carvalho (2006),

Construir a casa muito distante da margem, além de não ser hábito regional, se torna também um problema social dada as dificuldades para os moradores com o abastecimento de água, lavagem de roupa, louça etc. Ademais, o morador ribeirinho construindo sua casa muito distante da margem perde o olhar simbólico que é olhar o rio e os motores que passam. (p.130)

Certamente essa impossibilidade de construir suas casas próximas à margem do rio, apesar de trazer alguns problemas sociais, faz com que os ribeirinhos percam um pouco da sua identidade interiorana. Todavia, essa alternativa é a mais sensata para evitar perdas materiais e humanas. A Sra. Eline Mendonça, 59 anos, moradora da comunidade Nossa Senhora de Fátima, já esta acostumada com a distância da sua casa da margem do rio e afirma que:

É melhor ter nosso barraco longe da beirada do que vê o rio levando tudo embora. Depois que passamos a empurrar nosso barraco toda vez que vemos que o barranco vai chegando próximo, nunca mais soubemos de desastres de casas caindo e de pessoas morrendo por aqui. Agora que tem uma situação da escola que falta pouco pra cair. Quando construíram essa escola nos avisamos que não era pra ser fixa, pois um dia ia cair, e ta ai, e é triste vê essa situação e não poder fazer nada. (Pesquisa de Campo, 2014)

A escola mencionada trata-se da Escola Municipal Ruy Araujo (Figura 04) construída toda em alvenaria no ano de 2008 para atender a população infantil da comunidade, e com apenas seis anos da sua inauguração já está com sua estrutura comprometida muito próxima da erosão, ameaçando desabar a qualquer momento. Os alunos são os maiores prejudicados com a situação, visto que, os

pais das crianças com medo da escola desmoronar e ser levada pelo rio, estão impedindo que seus filhos frequentem as aulas.

Um fato curioso desta problemática é que o distrito de obra da prefeitura de Itacoatiara subestimou o conhecimento empírico dos moradores da comunidade, dos quais convivem com o fenômeno das terras caídas a décadas, que os alertaram da possibilidade futura de desabamento e propuseram uma estrutura de madeira que pudesse ser empurrada conforme a erosão se aproximasse.



Figura 04 - Escola Municipal Ruy Araujo na comunidade Nossa Senhora de Fátima ameaçada pelas terras caídas. Autor: Tiago Almeida, 2014.

Antigamente, o processo de remoção das casas dos ribeirinhos para os fundos do terreno era realizado desmontando o imóvel por completo e construindo novamente no local designado, o que comprometia a qualidade da madeira e demandava muito tempo para execução do serviço. Atualmente a técnica de transporte das casas mudou e não se faz mais necessário desmancha-las para mudar de local.

O procedimento do recuo das casas não tem um nome específico, mas é utilizado por todos os moradores da comunidade Nossa senhora de Fátima e toda região do Paraná do Amajari. Trata-se de um processo simples para recuar com mais facilidade a casa para o interior do terreno.

Nesta ação o imóvel é empurrado através da força humana por uma estrutura de madeira similar a trilhos. Para facilitar a locomoção do imóvel em cima do trilho os ribeirinhos passam sabão derretido nas estacas de madeira para que a casa possa deslizar sobre ela com mais facilidade. Até alguns anos atrás era utilizado além do sabão o sebo do gado, porém segundo o depoimento do Sr. Fernando Silva, 58 anos, o sebo não é mais utilizado, pois este resseca e trava a casa no momento que está sendo empurrada e o sabão não resseca, pelo contrário e faz com que as vigas fiquem escorregadias e a casa deslize com maior facilidade sem muito esforço físico. (Figura 05)



Figura 05 - Estrutura de madeira sendo fixada para passagem da casa. Fonte: Arquivo da família Souza reproduzido por Cleusa Mello, 2010.

Apesar de parecer simples esta técnica exige cautela, uma vez que a casa tem de ser empurrada em uma velocidade razoável, não muito rápido para não descarrilar e perder o controle, ocasionando acidentes, nem muito devagar para não

brecar e dar solavancos que comprometam a estrutura da casa que se encontra totalmente solta em cima do trilho. (Figura 06).



Figura 06 - Casa sendo empurrada sobre os trilhos para o interior do terreno. Fonte: Arquivo da família Souza reproduzido por Cleusa Mello, 2010.

Todas as despesas referentes ao transporte da casa são de responsabilidade do proprietário, nenhum órgão público dá qualquer ajuda de custo aos ribeirinhos. Para diminuir gastos, quando alguma casa da comunidade está muito próxima do barranco e necessita ser recuada, os mesmos se reúnem em mutirão para realizar o trabalho coletivamente. Segundo aponta Fraxe (2000), as relações de ajuda mutua, denominadas de mutirão, ajuri e/ou puxirum, dão-se através dos sentimentos profundos de pertença a um grupo familiar.

Essa pratica de ajudar o próximo é bem comum no interior, e é de praxi a família que convida os vizinhos para o mutirão tem por dever retribuir a ajuda por meio de refeições: almoço e merenda, tendo isso não como um pagamento, mais sim como uma maneira de agradecer a todos que participaram da ação, reforçando

assim, o elo de solidariedade das famílias da comunidade. Conforme reforça Fraxe (2000),

A refeição é um ato de permuta que sela alianças e que cria uma relação análoga à parentela entre os vizinhos. A refeição nunca é contada na estimulativa de um salário pelas horas trabalhadas para outrem. A refeição é uma espécie de um ritual congregador de pessoas da mesma comunidade ou de comunidades vizinhas, que em alguns casos participam do mutirão, por serem parentes, compadres ou mesmo amigos, através do convite do responsável pelo mutirão. (p.91)

O mutirão³ é visto como uma espécie de ritual na comunidade, onde a família que recebeu ajuda tem por obrigação moral retribuir a ajuda quando outro vizinho necessitar. Essa prática de reciprocidade é extremamente importante na comunidade, uma vez que as famílias não têm condições de pagar trabalhadores para executar tal serviço.

O grande idealizador desse mecanismo do recuo das casas foi o senhor Altacir Souza, que reside na comunidade Costa do Arapapá, em Manacapuru. Homem simples da várzea trabalhava como carpinteiro e construía barcos, casas de madeira, prensas, além disso, projetava e construía equipamentos para a perfuração de poços artesianos. Cansado de ver a triste realidade vivida pela comunidade, seu Tatá como é conhecido em toda a margem do Amatari, criou essa técnica, sem nome específico, para remover integralmente as casas e leva-las para locais seguros longe das terras caídas.

Apesar de não ser nenhum engenheiro, esse caboclo amazônico propôs uma relação com os conhecimentos práticos adquiridos com a profissão, com os saberes das ciências tecnológicas para aperfeiçoar uma prática já estabelecida culturalmente na Amazônia e ajudar de forma mais eficaz a solucionar um problema corriqueiro na vida dos ribeirinhos.

³ Também conhecido como puxirum, grupo de pessoas que se reúnem para realizar uma determinada tarefa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As paisagens nas margens do rio Solimões mudam constantemente e junto com ela altera-se também a vida dos ribeirinhos da várzea amazônica, fazendo com que os mesmos se habituem a uma realidade natural.

A real situação vivida pelos moradores da comunidade Nossa Senhora de Fátima, mediante o fenômeno das terras caídas, nos possibilitou identificar a existência de uma organização espacial inigualável na maneira de redescobrir o habitat que os cercam. Em outras palavras, possuem particularidades tradicionalmente adquiridas pelos seus antepassados, para lidar com os processos geomorfológicos as margens do rio Solimões sem agredir a natureza.

Tais particularidades são redefinidas conforme exige a natureza e por pessoas simples que detém apenas o conhecimento empírico e a vivência dos fenômenos como experiência. Porém conseguem desenvolver técnicas sofisticadas para a comunidade ribeirinha, diminuindo custos e resguardando a vida assolada pela ablação das terras, como exemplo disso temos a nova dinâmica do recuo das casas idealizada pelo Senhor Altacir Souza.

Assim, retratar o fenômeno das terras caídas e o impacto deste na vida dos moradores da região do Amatari foi de suma importância, pois nos possibilitou visualizar que viver as margens dos rios amazônicos é um desafio árduo. Porém, enfrentado de maneira harmônica pelo ribeirinho que de forma paciente acompanha e se adapta a esse processo geomorfológico predominante na Amazônia.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Alberto Lima de. **Terras caídas e consequências sociais: costa do Miracauera** – Paraná da trindade, município de Itacoatiara – AM, Brasil, 2006. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas.

FRAXE, Terezinha J.P. **Homens anfíbios**: etnografia de um campesinato das águas. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

LIMA, Hedinaldo. **Os solos da paisagem da várzea com ênfase no trecho entre Coari e Manaus**. In: Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.